

memórias resgatadas, identidades (re)construídas
experiências de escolarização, património & dinâmicas educativas locais

International Conference
PROJECT MRIR
21-22 April 2022



INSTITUTO DE
EDUCAÇÃO
ULISBOA



International Conference Project MRIR

21-22 April 2022, IEUL

**Instituto de Educação da Universidade
de Lisboa**

Esta Conferência Internacional insere-se no âmbito das atividades desenvolvidas pelo Projeto de Investigação MRIR-“**Memórias resgatadas, identidades (re)construídas: Experiências de escolarização, do património e dinâmicas educativas locais**” (Out.2018 – April 2022), tendo em vista a construção de uma História e Memória da Educação na região do Pinhal Interior Sul (PIS).

O **Projeto MRIR**, sediado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, envolveu um conjunto de colaboradores locais (cidadãos, investigadores, professores e especialistas em história local) e parceiros institucionais (Universidades Seniores, Instituições de Ensino Superior, Autarquias e Associações de Desenvolvimento Local, Centros de Formação de Associação de Escolas), da zona geográfica do PIS, que integra os concelhos de Mação, Proença-a-Nova, Sertã, Vila de Rei e Oleiros. O IPCB foi um dos parceiros deste Projeto MRIR.

MEMÓRIAS RESGATADAS,
IDENTIDADES
(RE)CONSTRUÍDAS

Experiências de
escolarização, património e
dinâmicas educativas locais



**A voz e as representações
dos professores primários
aposentados:
(Re)construção de histórias de
vida (Antes e depois de 1974
no exercício docente)**

(Conferência)

Professor Doutor Ernesto Candeias Martins

(IPCB-ESECB- Projeto MRIR)

***“International Conference “Rescued
Memories, Reconstructed Identities”***

IE-Univ. Lisboa – 22 de abril de 2022



Fotografia: Alunos Finalistas do Magistério Primário e professores no ano letivo 172-1973

Estrutura da apresentação norteado por quatro pontos de análise reflexiva:

- 1.- Contexto metodológico das Histórias de Vida – o enfoque (biográfico) narrativo;**
- 2.-Preocupação epistemológico e metodológico na construção das histórias de vida;**
- 3.- Processo de construção das Histórias de Vida (7 professores primários aposentados);**
- 4.- Reflexões das representações e narratividade do ‘Ser professor’ antes e depois de 1974.**

CONTEXTO METODOLÓGICO DAS HISTÓRIAS DE VIDA – ENFOQUE BIOGRÁFICO- NARRATIVO



Fotografia: Alunos de primária (escola rural)
da Professora Lucília na década de 70

O **enfoque biográfico-narrativo** das histórias de vida dos professores surgiu após a **viragem hermenêutica**, constituindo-se numa perspectiva específica de investigação no seio da **metodologia qualitativa**, perante o mundo da vida: a profissão docente. As novas potencialidades do texto narrativo e do discurso, nessa viragem narrativa que surgiu recentemente, deu relevância à dimensão discursiva da individualidade, aos modos de vivência e aos significados do mundo da vida (**'lebenswelt' -HUSSERL**) **mediante a linguagem narrativa**. O nosso estudo baseou-se na relação entre os **relatos de vida** (biografia) nos seus contextos, com as vozes (narração) e a representação da profissão professor primário. No dizer de **Ferrarotti** (2007) há a necessidade de **vincular o texto e o contexto**, ou seja, **conjugar a história de vida às características contextuais no quadro socio-histórico objetivo**, onde essa história de vida se desenvolveu. Para **Igor Goodson** (2012) trata-se de uma relevância que **exige a compreensão das inter-relações entre a estrutura contextual e o agente**, sabendo que os relatos de vida se referem a **singularidades de vida e um tempo, que refletem o coletivo social** e, assim podermos ler uma sociedade, a partir das narrações biográficas.

CONTEXTO METODOLÓGICO DAS HISTÓRIAS DE VIDA – ENFOQUE BIOGRÁFICO- NARRATIVO



Fotografia: Professores e alunos da escola primária na festa do carnaval – década de 70

O debate entre o agente e a estrutura externa é transacional, pois para Ferrarotti (2007) há um **condicionalismo recíproco** em que o **agente atua num marco contextual**, que constitui um **pressuposto importante na análise e na compreensão das histórias de vida**. A **narração** deriva do **espaço público** e dum **ambiente social** (histórico e político) que não é simplesmente do agente, já que está contextualizada ou situada, de forma explícita ou implícita. Ou seja, **o relato tem uma história individual e institucional, dentro do contexto socio-histórico em que teve lugar as vivências educativas e profissionais e as aprendizagens**. As **VIDAS e CONTEXTOS dos professores entrevistados** estiveram **'empapados' uns nos outros** e, por isso, houve uma **relação interativa crucial** entre a vida desses 7 professores, as suas **percepções, experiências pedagógicas, contextos e acontecimentos histórico e sociais** (Goodson, 2001). O **foco das histórias de vida é a realidade pessoal e o processo biográfico-narrativo** e tem interesse histórico por razões **substantivas (conhecimento profissional)** e **epistemológicas e políticas (voz dos professores no direito de estar representados)** (Biesta et al., 2011). Ora a **intenção da história de vida é a de produzir a vida narrada e configurar a identidade profissional** (Bolívar, 2014).

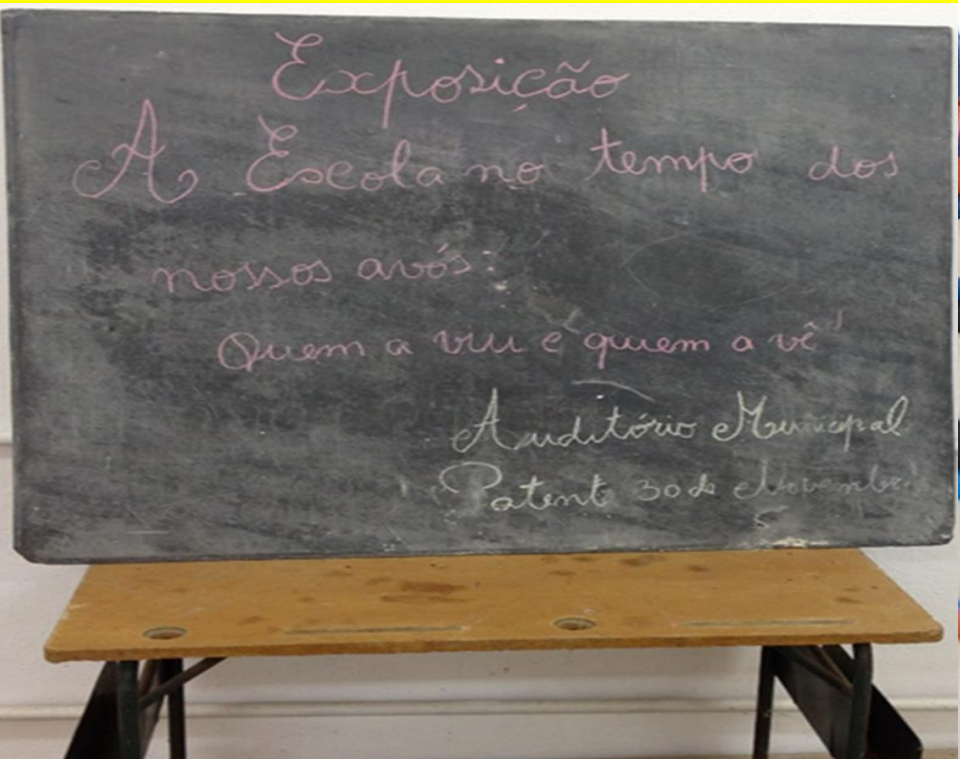
CONTEXTO METODOLÓGICO DAS HISTÓRIAS DE VIDA – ENFOQUE BIOGRÁFICO- NARRATIVO



Fotografia: Professora (E3 -Albertina) e os seus alunos da escola primária em passeio - visita de estudo – década de 70

Creemos tal como Norman Denzin que as histórias de vida se devem encaixar na história social, tendo efeitos na política educativa e administração escolar e nos investigadores, sabendo que essas histórias de vida não podem permanecer como algo pessoal e privado pois exigem a **'construção social do processo de ensino'** (Goodson, 2004) – respeitar o sentido idiossincrático e singular (biográfico e pessoal) numa análise contextualizada. Ou seja, as vidas dos professores implicam uma **relação da vida individual com a História Social** em que se inscrevem e daí a reelaboração interpretativa por parte do investigador na construção das histórias de vida desses professores. De facto, as vidas e trajetórias profissionais dos professores(as), como **narrativas de ação** assentam numa **'genealogia do contexto'** que lhes dá um sentido amplo e, simultaneamente outorga relevância ao que dizem e sentem: *“As narrativas de ação dentro das teorias de contexto...em que os relatos de vida podem ser situados, o que significa que podem ser construções sociais situados num tempo e lugar, na história e na geografia social. Relatos e histórias precisam de ser compreendidos, não só como construções pessoais mas como expressões de circunstâncias particulares histórico-culturais”* (Goodson, 2012)

CONTEXTO METODOLÓGICO DAS HISTÓRIAS DE VIDA – ENFOQUE BIOGRÁFICO- NARRATIVO



Os relatos de vida concentram-se em relatos pessoais e as Histórias de Vida intentam compreender esses mesmos relatos no contexto sócio histórico e cultural. Ora se a consciência é construída mais que produzida, segundo Goodson (1995) será preciso incluir o construtor (contexto socio histórico) conjuntamente com quem narra e, por isso, a diferença entre relatos de vida (*life story*) e história de vida, como relato situado num contexto (*life history*) permite conjugar a componente individual com o social. Na nossa perspetiva a história de vida abarca ambos conceitos. Assim, o nosso foco ao trabalhar as histórias de vida foi o de situar a vida narrada pelos próprios 7 professores(as) à análise contextual mais ampla, pois um relato de ação inclui-se numa teoria de contexto. Entendemos que os relatos de vida que recolhemos são referentes contextuais e situados na vida de quem os narrou, numa conjuntura temporal particular (Ricoeur, 1987). Foi pela captação desse processo emergente (modalidade de história social) que se situou o 'EU' (narração), numa espécie de 'cartografia social' do próprio sujeito (Goodson, 2004). Os relatos de vida dos professores foram singulares, seletivos e específicos, situados num tempo e espaço histórico, que nos levou ao uso da metodologia da 'triangulação' entre narrações dos sujeitos, complementados com a teoria fundamentada e/ou meios documentais que nos ajudaram a compreender o contexto dessas narrações e, daí o sentido da análise e do significado atribuído pela nossa interpretação.

Foi um desafio a elaboração das histórias de vida dos 7 professores primários aposentados na investigação. Enfrentámos 4 problemas nesse confronto (entre a narração e a interpretação), aquando da (re) construção das histórias de vida desses professores: (1)-Preocupação pela **fidelidade do relato de vida (filtros)** com quem narra essa sua vida de professor (credibilidade), tendo sido coescritores dessas histórias de vida (escrita interpretativa da vida do outro), as diferentes posições de quem narra, de quem escuta e de onde escutamos essa narração (condicionalismos): **Quem põe os limites nessa história do outro? Já que essa história envolve também a nossa história de 'ser professor'**. A **fidelidade** não pretende ocultar uma ideia de objetividade, mas sim uma revisão e uma interpretação desde o **OUTRO** e os outros para respeitar esse **outro** na sua história de vida (referenciais particulares próprias da narratividade).

PREOCUPAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS DE VIDA



Fotografia: Dramatização da história do Natal feito pela professora Orlanda (E7) com a turma de alunos primária em ano desconhecido (antes 1974).

PREOCUPAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS DE VIDA



Fotografia: afiadeira de lápis utilizada pelos alunos da primária – antes de 19740

(2)-A reconstrução ou transformação dos relatos de vida em histórias de vida. Este processo supõe um diálogo com diferentes fontes: a história da educação, o contexto situacional (sócio histórico), as versões da narrativa no momento histórico em que está situado essa história de vida, a política educativa, os marcos culturais.

Uma história de vida traspassa o **INDIVIDUAL** fazendo-nos conhecer, analisar, compreender e redescobrir uma época do passado, uma visão/visões sobre a profissão docente, sobre o papel da mulher no ensino primário, a projeção de uma maior ou menor abertura dada pelo investigador à história: **Até onde deixámos que a história seguisse a narração?**

O limite foi o foco da investigação, pois ao reconstruirmos essas identidades e quanto maior/melhor foi o marco de compreensão contextual da história narrada, pudemos gerar processos mais amplos de construção da própria profissão docente. Ou seja, entender a época histórica, recuperar a memória de momentos históricos e reconhecê-los na vida profissional atual, em que a identidade se conformou num marco ideológico, político, social e cultural, em que a mulher teve um lugar pré-fixado nessa profissão.

(3)-Surgiram várias inquietações no momento da construção dos relatos de vida como texto narrativo: **Como construímos uma história de vida que seja respeitadora da vida do sujeito que a narrou e que pode ser lida e que não seja um simples relato cronológico de factos?** Decidimos a argumentação da história de vida em 'evidências' ou registos de indícios relevantes da narratividade.

Do ponto de vista metodológico foi interessante as entrevistas das professores/as que recorreram a um vaivém, que fez emergir uma dialética complexa e curiosa, pois detiveram-se em 'momentos' conjugando o presente e os problemas do passado com os atuais. Assim, seguimos na elaboração da história de vida uma sequência 'temporal' e 'situacional' (tópicos da entrevista): **alunos da escola primária, do ensino secundário e na formação do Magistério Primário; e depois como professor (identidade profissional) no exercício da sua profissão docente.** Foi um relato amplo no sentido de narrar a história desde o começo através de movimento ascendente e descendente enquanto ao tempo histórico e aos factos vividos e experienciados como aluno(a) e na profissão. Tivemos a **preocupação de 'CAPTAR' da narrativa a interpretação adequada** à (RE)construção da história de vida desses professores primários.

PREOCUPAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS DE VIDA



PREOCUPAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS DE VIDA



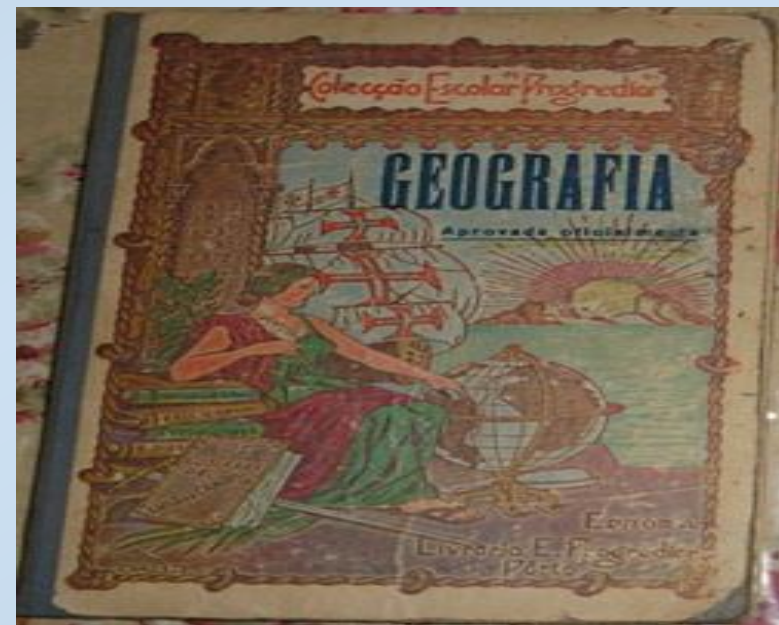
(4)-A interpretação do texto narrado, da história de vida, desde os objetivos da investigação. Não se tratou de interpretar a história de E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7, mas **a partir da Reconstrução das suas vidas compreendemos o complexo processo dessa construção de identidades profissionais**, que foram **mudando** (antes e depois do 25 de Abril), **variou segundo o contexto** ou foi **estático ou de continuidade em muitos momentos**, mas **teve sempre um fluir**. Cada professor/a entrevistada foi **coautora dos relatos** e foi **coparticipante nos processos de interpretação**. Daí o surgimento da categorização de análise das narrativas derivadas das entrevistas, sabendo que os entrevistados não fizeram parte dessa discussão (intersubjetividade) e que me deram via livre para a interpretação realizada.

Este aspeto permitiu abrir outras vias de diálogo para o processo de interpretação que habitualmente não utilizamos. **A diversidade de lógicas** (**lógica do professor primário no Estado Novo e depois de 1974**, a sua **experiência pedagógica direta na sala de aula**, as **escolas onde exerceu a profissão** e a **lógica do investigador com os seus processos de abstração e compreensão**). Constitui uma interrogante para uma interpretação partilhada que se reforça nas versões desses professores entrevistados em relação ao papel, ao lugar e à posição de ser professor no momento histórico.

Processo metodológico de construção das Histórias de Vida

O nosso propósito foi o de resgatar a memória perdida, através das narrações (relatos de vida) e respectivas representações dos professores primários aposentados no seu percurso profissional de ensino. Estabelecemos os seguintes OBJETIVOS:

- **A experiência socio-escolar** (imagem da escola e do ensino) **na infância/adolescência na escola primária e no ensino secundário, associada à situação socioeconómica familiar e contexto social da época**
- **A formação na Escola do Magistério, analisando o plano de estudo, as metodologias de ensino, as didáticas e práticas pedagógicas, as atividades e os recursos no saber fazer para Ser Professor/a.**
- **Análise ao percurso profissional (experiência) associado às alterações das reformas educativas e que implicaram desenvolvimento profissional.**
- **Conhecer a vida quotidiana do professor/a na escola, as metodologias de ensino, os conteúdos dados (didática), os materiais didáticos, a relação pedagógica, as atividades (extra)escolares, a visita da inspeção, etc., ou seja, a identidade da sua profissão docente.**
- **Identificar as fases/momentos mais significativos de 'Ser Professor' primário (visões), antes e depois do 25 de Abril no contexto da época;**



Processo metodológico de construção das Histórias de Vida

•A **entrevista narrativa** é uma das “ferramentas” mais utilizadas na investigação educativa, que permite obter informações através da **relação dialógica entre duas ou mais pessoas e produzir a compreensão** (Bogdan & Biklen, 1999). Ela permitiu-nos aprofundar a identidade e o percurso profissional dos professores, as suas experiências, as várias valorizações de ser professor em contextos escolares distintos e, por isso, assumiu um **carater interativo**. Teve uns **tópicos iniciais** (**imagem da escola/ensino primário e do ensino secundário, a formação no Magistério, inclinação para ser professor, a entrada na profissão e o exercício/modos de ser docente antes e depois de 1974 e a perspetiva atual do ensino/educação**) **em que as questões emergiram na conjugação do passado, presente e futuro, diferenciando os tempos, mas dando conta da inter-relação contínua na vida e trajetória profissional**. Estivemos atentos à narratividade emitida e disponíveis a enviar sinais de entendimento e de estímulo à (re)construção da memória narrada, procurando intervir o mínimo possível para não quebrar a sequência do pensamento do entrevistado.

•**As entrevistas foram gravadas, entre dezembro de 2017 a março de 2019 nos devidos domicílios dos sujeitos, que concederam permissão para gravar em áudio-vídeo tendo havido protocolo e termo de livre aceitação**. Este procedimento permitiu-nos transcrever na íntegra todo o conteúdo dos discursos narrativos dos sujeitos, proceder à adequação e codificação dos dados recolhidos para a análise e, posteriormente foi validada a narração pelo entrevistado. A duração global de cada entrevista foi variável, de acordo com o tempo que cada entrevistado necessitava para se expressar, lembrar e reviver a recordação do tempo histórico, oscilando entre duas horas e meia a quatro horas.

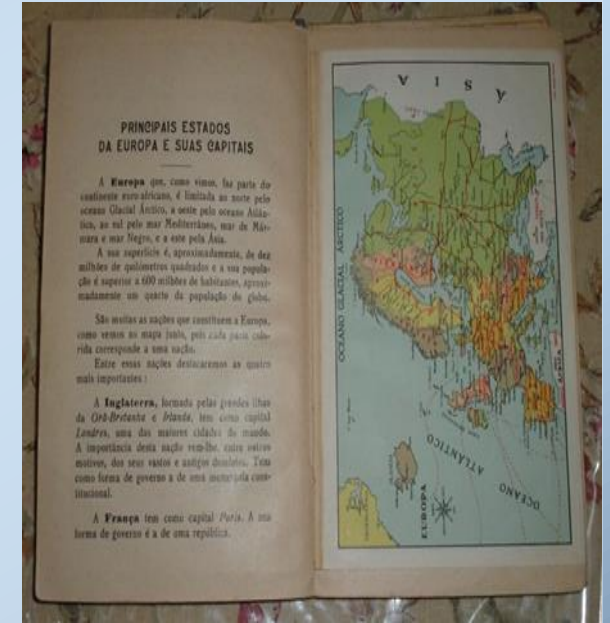
•Os entrevistados (código: E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7) foram caracterizados com uma **Ficha de depoente** e a **ficha de registo áudio - gravação e o Termo de livre aceitação (procedimentos éticos)**. Os sujeitos de estudo (F=6 e M=1) apresentaram aspetos de identificação (nomes com iniciais) e as suas narrações foram transcritas.

Amostra dos entrevistados – professoras primárias aposentadas

Entrevistas realizadas ano letivo 2017-2018	NOME	IDADE	Duração da entrevista gravada
Entrevista 1	Fernanda	63 anos	120 minutos
Entrevista 2	Isabel	85 anos	180 minutos
Entrevista 3	Lucinda	67 anos	300 minutos
Entrevista 4	Maria B.	73 anos	180 minutos
Entrevista 5	Maria F.	76 anos	120 minutos
Entrevista 6	Orlanda	86 anos	240 minutos
Entrevista 7	Orieta	86 anos	240 minutos

A escola primária : Como aluno

1-Categoria	Subcategorias	Evidências da narração
<p>Imagem da Escola Primária</p>	<p>Escola (edifício)</p>	<p>“A minha escola começou por ser numa casa (...) Quando foi na minha 4º classe já foi numa escola do plano dos centenários que foi, entretanto, inaugurada. Era a escola feminina do Orvalho.” (E1); “Era uma escola sem tipo em Póvoa de Atalaia, concelho de Fundão” (E2); “Frequentei a 1.ª classe (1946/47) na escola da Sé Nova em Coimbra (...) frequentei a segunda classe na Escola da Sé Velha em Coimbra (...) fiz a 3ª e 4ª classes na escola primária de Proença-a-Nova” (E3); “Aldeia de Joanes, escola do plano centenário” (E4); “Havia regras e respeito” (E6); “Muito rígida e com muitos castigos” (E5).</p>
	<p>Ensino (Métodos)</p>	<p>“O ensino era muito teórico e aplicavam-se muitos castigos.” (E1); “Simplesmente teórico”, “Baseava-se na leitura e interpretação dos livros e cadernos escolares, exercícios de aritmética no quadro preto e na leitura e interpretação dos mapas de Portugal e Ultramar” (E2); “Tempo duro, exigiam muito dos alunos, não havia mimos, eramos pôs-tos de castigo e batiam-nos, quando se portavam mal ou não faziam os trabalhos” (E4); “Oportunidade de ajudar os colegas” (E5) “Não havia telemóveis” (E6).</p>
	<p>Professora (perfil)</p>	<p>“Professora Mª José foi a única que tive. (...) castigava muito os alunos. Recordo também o nome do professor que me fez exame da 3º classe, veio do Estreito, chamava-se Benjamim.”(E1); “Na escola da Sé Velha a professora, D. Mª Máxima, era uma “mãe” muito querida e sábia, austera sim, mas carinhosa, não tinha régua, não nos castigava” (E3); “Dona Augusta” (E4); “Sr. Filipe” (E5); “Dona Maria do Rosário” (E6).</p>
	<p>Atividades escolares</p>	<p>“Contas, problemas, história, geografia e tínhamos as lavouras.” (E1); “Ditados, cópias, leitura, recitação da tabuada, geografia continental e ultramarina” (E2); “Português, onde trabalhavam gramática, textos, orações, conjunções, preposições...” (E3); “Geografia, as serras, rios, afluentes, Portugal e no ultramar, matemática, história...” (E4); “História, desde Afonso Henriques até há implantação da República, os lavoures (trabalhos manuais), matemática, problemas com 3 operações no mínimo, reduções de denominador, fracções” (E5).</p>



A escola primária : Como aluno

1-Categoria	Subcategorias	Evidências da narração
Imagem da Escola Primária (como aluno)	Disciplinas (matérias)	“Gostava muito de ler e escrever, problemas física e matemática. História também gostava. Só não gostava de desenho” (E1); “Disciplinas preferidas eram a Leitura e aritmética” (E2); “As minhas preferidas foram o Português e Matemática” (E3, E5); “História, geografia e matemática, geografia e ciências, religião falar dos reis e dos afluentes pelos mapas” (E4); “Língua portuguesa, história, matemática, ciências, religião/moral” (E6).
	Materiais didáticos	“Livros escolares, cadernos e a famigerada lousa” (E2); “O material escolar era: livro de leitura, pedra, tabuada, caderno para as cópias e redações, caderno de problemas e, no 4º ano mais a história, a geografia e as ciências naturais” (E3); “Nenhuns, só os livros e mapas e globo, caixa métrica” (E4); “O material escolar, tal como o didático, nesse tempo, era muito rudimentar” (E5). O material didático, além dos sólidos geométricos que todas as escolas tinham, praticamente não existia” (E6).
	Castigos	“Castigos corporais” (E1, E5); “Reguadas” (E2); “Usava uma palmatória de 5 olhos e orelhas de burro para castigar por tudo e por nada” (E3); “Reguadas” (E4); “Às vezes castigava” (E6).
	Exames	“Depois havia exame na 4ª classe no Fundão, na sede com 3 professores, sempre com professores desconhecidos” (E2); “Os exames eram corrigidos por um júri e o professor” (E4); “Os exames eram fora na capital de concelho” (E3, E6).
	Tamanho da turmas	“Turmas grandes” (E1, E5); “As turmas tinham 40/50 alunos de duas ou quatro classes” (E3); “Eram turmas muito grandes” (E2, E4); “Comecei com quase 50 alunos e sem auxiliares” (E6);
	Recreios	“Duravam 15 minutos. Brincávamos umas com as outras, saltar a corda, macaca, pedrinhas, ao anel, à roda” (E4); “Os recreios era o que gostávamos mais” (E3); “Os recreios duravam pouco tempo e eram de manhã” (E5); “Recreio era à hora de almoço” (E6).



A escola primária : Como aluno

Categoria	Subcategorias	Descritores/Evidências
Imagem da Escola Primária	Edifício escolar	“(...) um edifício muito antigo, horroroso com muitos buracos no soalho, não tínhamos casas de banho, não havia o mínimo de condições, realmente naquela altura como casa de ensino não tinha condições absolutamente nenhuma.” (E7)
	Perfil do professor	“A professora era muito exigente” (E3)
	Currículo	“Matemática, História, Língua Portuguesa, Geografia, Ciências e Religião e Moral” (E4, E5)
	Atividades escolares	“líamos muito, interpretávamos, isso era importante, estudar de cor e salteado a história, a geografia de Portugal e do ultramar, das colónias, as linhas de caminho de ferro de Angola e Moçambique” (E6)
	Material Didático	“materiais que a professora usasse e que hoje usam para tornar as aulas interessantes, não existiam”. (E7) “Olhe, desde uma pedra, uma ardósia, com um lápis também de pedra e depois com uma esponja para apagar, a gente cuspiam e limpávamos.” (E2)
	Avaliação/ Aprendizagem	“Eram exigentes, tínhamos que ter notas boas.” (E2) “O ensino era muito exigente pelo menos o meu não quer dizer que todos os professores eram assim.” (E4)
	Castigos	“Oh, então, haviam, vários, ou com a régua e, infelizmente, às vezes também haviam abusos.” (E2)

E6 “Preparávamo-nos com muita intensidade e perfeição. Na Língua Portuguesa tinham que ser perfeitas na escrita e redações com correção. Os alunos, neste ensino, já tinham que saber praticamente todos os conceitos de cor, por exemplo tinham que saber cantar a tabuada, saber os nomes dos rios e dos seus afluentes, serras, entre outras coisas”.

Formação como aluno no ensino secundário

Categorias	Subcategorias	Evidências/descriptores
FORMAÇÃO no Ensino secundário (Liceu)	Currículo	“Nas aulas tínhamos inglês, francês, português (...) ginástica, canto coral.” (E4) “Os primeiros dois anos tínhamos uma língua estrangeira, o português, a matemática, as ciências, o desenho e os trabalhos manuais (bordados), canto coral, e ginástica (pouca).” (E5)
	Processo de aprendizagem	“As exigências eram as mesmas” (E6) “As atividades eram normais, a professora explicava, nós tínhamos que estar com atenção.” (E7)
	Recreios	“Mas já fazíamos assim coisas mais senhoris.” (E2) “Jogar ao mata, ao vôlei, e outros jogos evidentemente.” (E4)
	Castigos	“Os castigos eram mandá-los para a rua, mandar uma carta aos pais ou escrever no caderno diário.” (E2) “Escrever 100 vezes sempre que dávamos um erro, os castigos eram mais leves.” (E4)
	Materiais didáticos	“Nas ciências fazíamos experiências no laboratório.” (E4)

As entrevistados estudaram em escolas privadas “...frequentei o Colégio das Doroteias cá na Covilhã que era privado” (E4) outras andaram no ensino público “Fiz a primária, liceu (fiz quinto ano) e fui logo para o magistério...” (E2). O ensino secundário, tanto no público como privado, era muito diferente do ensino primário. As diferenças começavam logo pelas disciplinas lecionadas, pelos espaços escolares, pois na escola do ensino secundário havia um espaço onde realizavam as experiências, designado por laboratório tal como hoje em dia. Segundo E 2, “Já havia algumas diferenças” (...) “Lembro-me que no liceu de lá de cima tínhamos um laboratório muito completo.” Durante o estudo recorriam à memorização como técnica de estudo “*isso era tudo à base da memorização*” (E4). No ensino privado as condições em termos estruturais eram de grande qualidade, como refere a E7 “*era um colégio novo, elas [as irmãs] ainda tinham um velho, mas este estava em construção. Mas tinha todas as condições, apesar de ter passado muito frio porque a Guarda era muito fria e aquecimentos não haviam na altura.*”

As disciplinas o ensino secundário eram matemática, português, francês, inglês, físico química, ciências, geografia, história e desenho.

Formação como aluno no ensino secundário

Sobre o ensino no secundário os professores referiram: **“Era muito exigente no sentido da sabedoria e muito teórico”** (E1); **“Como no ensino primário, era livresco e teórico”** (E2, E5); **“Tínhamos de fazer a admissão (exames)”** (E1, E4, E5, E6). A maioria dos depoentes lembram-se de alguns dos seus professores e mesmo quando não se recordam do nome até da sua fisionomia se lembram. As atividades escolares consistiam: em **“Escutar o professor e tomar notas para guardar e esclarecer as várias noções”** (E2); em ter **“Horários repletos”** (E1, E5) **“Os horários não chegavam para preparar os exercícios (testes) ou as disciplinas cujo professor tinha marcado chamadas (avaliação oral individual)”** (E3); mas em geral **“Tínhamos obrigatoriamente que estudar** (E2, E6), **“Às vezes éramos chamados para nos fazer perguntas, de modo a ver se nós estávamos a acompanhar a matéria”** (E4). Verificámos nas citações um gosto comum pela Matemática ou Ciências. Em relação aos materiais didáticos era comum recorrer normalmente aos **‘livros e cadernos escolares’** (apontamentos). Os professores praticavam castigos escolares, mas alguns afirmaram que eram menos **‘pesados’**, existindo **“expulsões por mau comportamento”** (E1, E2, E7) e/ou **“iam para a rua durante a aula”** (E4, E5).

Formação de professor(a) no Magistério Primário

Categorias	Subcategorias	Descritores/Evidências	
<p>Formação para Professor(a)</p> <p>Ensino no Magistério Primário</p>	<p>Currículo</p>	<p>“Higiene, didática, psicologia, na parte manual tínhamos desenho, trabalhos, pedagogia, música, ginástica, essencialmente isto!” (E7)</p>	<p>O E3 narra um “Professor Melo e além de diretor era pedagogo, que por acaso era um homem muito opressivo, mas ao mesmo tempo um lado que eu gostava que era o seu lado inovador. Ele ia muitas vezes a França às escolas, e ia aprender outros métodos que estavam já em ação, como por exemplo o método de <i>Freinet</i>. Ele introduziu muito na nossa escola o método <i>Freinet</i>, que eu gostava e achava muito interessante. (...)” Este pedagogo, da escola moderna que se contrapôs aos métodos da escola tradicional e criticou alguns da escola nova, propõe, no seu método como atividade fundamental, o trabalho/jogo. <i>Freinet</i> elabora toda uma pedagogia, com técnicas construídas com base na experimentação e documentação, que dão à criança instrumentos para aprofundar seu conhecimento e desenvolver sua ação. Coloca, assim, a criança no centro da atividade educativa. As matérias que faziam parte do plano de estudos eram Higiene, didática da matemática e português, psicologia, pedagogia e, na parte mais prática tinham desenho e trabalhos, música, ginástica. Em psicologia estudavam o desenvolvimento da criança, tendo que, muitas vezes, escolher um aluno e “<i>fazer o exame físico e psicológico dele</i>” como narra E 2. Na pedagogia havia bastante interesse por grande parte das entrevistadas, tal como refere E 3: “Também me interessava por pedagogia e pelos pedagogos que ensinavam daquela forma tão diferente, <i>Decroly, Maria Montessori</i>”, ou E5“(...) <i>estudávamos cada maneira de ensinar e tratar a criança nesses pedagogos, e isto fascinava-me um pouco, e o professor dava-nos todas essas ideias inovadoras que me criaram um sonho e comecei a pensar que isto se calhar não era assim tão mau.</i>”</p>
	<p>Ensino</p>	<p>“Eram dois anos puxadinhos” (E6). “era uma escola muito exigente, no magistério da Guarda” (E3).</p>	
	<p>Processo de aprendizagem</p>	<p>“era muito à base de decorar” (E4).</p>	
	<p>Professores</p>	<p>“na altura primava a austeridade e não havia esta proximidade entre professores e alunos, como há hoje. E isso faz a diferença.” (E7).</p>	
	<p>Materiais didáticos</p>	<p>“existia o <i>cuisenaire</i>, tabuinhas de várias cores para ensinar a contar. Tínhamos algumas coisas e as medidas de volume, de superfícies” (E2). “Éramos nós que os fazíamos para as aulas, porque tínhamos práticas pedagógicas.” (E5)</p>	
<p>Práticas pedagógicas</p>	<p>“Nós realizávamos muitas, então isso aí nós é que ficávamos responsáveis por, sermos criativas, fazer os planos escritos. Tínhamos de preparar a aula, preparar todo o material concretizador.” (E4). “Nas escolas anexas [realizavam as práticas pedagógicas] ao magistério”(E6)</p>		

Formação de professor(a) no Magistério Primário

Os entrevistados como alunos do Magistério referindo-se: às escolas com “edifícios, por vezes, degradados” (E2); o ensino era “como todo o ensino anterior, livresco e teórico”. No último ano, no entanto, ‘havia aulas práticas nas escolas anexas’ (E2); “Os professores ensinavam bem” (E3); mas “Era um ensino rígido, muitas disciplinas que tinham de ser dadas. No 1º ano em fevereiro fazia-se exame, depois até junho estagiávamos com os alunos. No fim do estágio, fazíamos exame de estado, vinham professores de Coimbra avaliar, podíamos descer, subir ou manter a nota dada pelo professor” (E4). Em relação ao ‘Ser professor’ essa inclinação foi-lhes incutida pela família: “a minha mãe criou em mim o gosto por ensinar” (E1), contrariamente ao E4 que diz “Desde pequena quis ser professora” ou então por algum (bom) professor que tiveram (E2, E5, E7). O currículo na época ia desde as “lições puramente teóricas, todas as disciplinas eram experimentadas, normalmente no respeitante às diretivas da Pedagogia e da Didática” (E2) e do “Português, didática, psicologia, desenho, ginástica, trabalhos manuais, canto coral, moral” (E4, E5, E7). Praticamente todos os entrevistados evidenciaram que os materiais didáticos eram feitos por eles ou “elaborados por professores e alunos de acordo com as disciplinas.” (E1); “Mapas, elaborados por nós para a classificação sistematizada, com vista à elaboração do Perfil Psicológico e Didático de um aluno” (E2); “Material elaborado pelos próprios professores e por nós alunos, conforme a disciplina e a prática exigiam” (E3) e ainda apenas “Os livros de apoio” (E1, E4, E6). Havia professores em comum no Magistério. Perfil dos professores: eram pessoas que desempenhavam um papel de muito destaque no sistema: “Um professor era uma pessoa muito respeitada e à qual se recorria sempre que não se sabia alguma coisa” (E1); “Eram professores cumpridores, com poucos recursos materiais e humanos. Os programas eram muitos extensos” (E2); “O professor era uma pessoa respeitada na sociedade, tinha que ser bem formado pois nas aldeias era consultado e solicitado para toda a espécie de problemas” (E3). Todos afirmaram que o tempo de formação era de 2 anos de Magistério e práticas numa escola anexa.

Ser Professor(a) Exercício Profissão - Estado Novo (antes 1974)

Categoria	Subcategorias	Descritores/Evidências
Ser Professora (exercício da profissão no Estado Novo)	Método de ensino	“Cá em Portugal era o analítico sintético e a matemática também andava à volta disso.” (E1) “Ao início tentava aplicar os métodos que aprendíamos, mas creio que ao longo do tempo nós fomos criando os nossos próprios métodos.” (E7)
	Competências evidenciadas	“Olhe eu acho que como professora fiz os possíveis por cumprir e isso depois era testado.” (E4) “(...) ensinar bem os alunos, principalmente!” (E3)
	Material didático	“Os [materiais didáticos] que eu fazia para conseguir explicar, então aí é que era mesmo improvisar” (E5)
	Relação com os alunos	“Mas relacionava-me muito bem com os alunos.” (E1)
	Castigos	“(...) tinha a régua comigo” (E6); “tínhamos a palmatória, mas eu pouco a utilizava” (E2)
	Entraves da profissão na época	“Há outra coisa muito engraçada, eu casei-me só com a autorização do estado, sabia disso? Sabe porque era, o estado achava que um professor não podia perder o prestígio de casar com alguém inferior a ele, isto até me dá vontade de rir”. (E2)
	Visão global do ensino na época (antes 25 de Abril)	“Os valores inculcados eles diziam que era deus, pátria e família. Mas tudo depois era burilado dentro dos princípios. A mãe deveria ser uma boa mãe e tratar de casa e o pai teria que sair de manhã a ganhar o pão nosso de cada dia. E, portanto, culturalmente entregavam isso um bocadinho à igreja.” (E5) “(...) Alguns professores iam porque não tinham possibilidades de ir mais além, outras por vocação, porque gostariam de ensinar.” (E7)

As professoras tinham que fazer um exame de Estado para serem colocadas e “*tínhamos de fazer um juramento achei muito estranho*” (E4). Ou seja, E2, “*tinham que prometer defender a constituição, cumprir as normas do Estado Novo e ser nacionalistas*” (E2). Para se casarem tinham que pedir autorização do Ministro da Educação Nacional, e este só devia autorizar se tivessem bom comportamento, moral e civil, e se o pretendente tivesse vencimentos ou rendimentos iguais aos da professora. Pois se soubesse mais, podia influenciar o pensamento e alterar o conhecimento, e se soubesse menos que ela, estaria a incutir esta saberes ao marido que o Estado Novo não pretendia. **Todas recordam os seus primeiros dias de dar aulas, que se caracterizavam como difíceis. Em geral eram colocadas em aldeias, referindo que enquanto houvesse homens professores para dar aulas aos alunos do sexo masculino estas não seriam colocadas, então estes ficavam sempre nas cidades maiores, enquanto as professoras tinham que ir para aldeias longínquas, muitas delas sem água, nem luz, refere uma entrevistada.** Muitas delas indicam ideias da Escola Nova e salientam bastantes visitas de estudo, apesar de não haver incentivos para tal. A memorização era palavra chave para entrevistadas. Exerciam as suas funções com exigência. ou seja, apegadas a uma escola dita tradicional “*(...)exercia as minhas funções um pouco com rispidez*” (E6), dizendo que o fazia para não julgarem que estavam a brincar com ela. Ou seja, exerciam funções “*com cuidado e exigência imposta pelo regime e inspeção*” (E4).

Ser Professor(a) Exercício Profissão - Estado Novo (antes 1974)

As entrevistadas utilizavam o mesmo tipo de materiais didáticos, apesar de algumas referirem “*os que eu inventava*” (E6), sabendo que não havia grandes exigências, pois o que importava é que os alunos aprendessem. Em relação aos **métodos**, muitas **criticavam o método global** (Decroly) **aprendido no magistério**, dizendo que nunca o colocaram em prática. Muitas delas referem que aplicavam os seus próprios métodos. O E7 refere que “**ao início tentava aplicar os métodos que [aprendia], mas [crê] que ao longo do tempo [as professoras foram] criando [seus] próprios métodos**”. Algumas das entrevistadas evidenciam também que utilizavam o **método analítico sintético** (E3, E4, E5), o qual se caracterizava por explorar o todo significativo e as partes em simultâneo.

Os alunos destas professoras **faziam um exame de Estado na 4.ª classe**, mas algumas delas referem a **existência um exame de 3.ª classe**, porém o mesmo acabou rapidamente quando começaram a exercer. Os **alunos tinham que ir muito bem preparados para esses exames, e caso houvesse reprovações sobrava para as professoras**. Os alunos só deviam ser propostos a exame quando soubessem todos os conteúdos. a visão que tinham do ensino do Estado Novo, todas referiram que este era muito diferente do ensino que temos hoje e até do ensino depois do 25 de abril.

O E7 **expõe que os métodos de ensino não eram os apropriados antes de 1974**, porém **os alunos aprendiam, porque caso não acontecesse sofriam as devidas punições ou insucesso escolar**. O E6 refere que **não houve qualquer modificação nas relações pedagógicas, a única coisa que mudou é que passou a ter raparigas na sala (coeducação), pois antes só dava aulas a rapazes**. O **ensino antes 1974 era mais exigente e os professores também, muito à base de decorar, enquanto depois do 25 de Abril começou a haver experimentação** (Escola Nova) **e behaviorismo**. Todos referem que era o modelo de ensino imposto ou a seguir pelo Estado e que os alunos aprendiam de essa forma os conhecimentos exigidos recorrendo à memorização.

Ser Professor(a) Exercício Profissão - Estado Novo (antes 1974)

•Os entrevistados no exercício de professores primários (Estado Novo ou antes 1974) evidenciaram recordações de muitas dificuldades, pelo facto de ser o primeiro momento autónomo em que exerciam a profissão escolhida: **“Eu ia um bocadinho receosa, mas tinha confiança e sabia que sabia ensinar e tinha tido bons professores, o facto de estar na minha aldeia também deu alguma confiança”** (E1). Muitos deles mantinham algum contacto com antigos alunos: **“Tenho sim, muitos de todas as terras onde estive, deixei lá afilhados, padrinhos, compadres”** (E4). Na época os professores primários exerciam funções muito específicas e com elevada importância: **“Fui diretor de escola, adjunto e delegado escolar”** (E2). As turmas tinham com muitos alunos **“eram enormes”** (E1, E5, E6) e no uso do material didático houve um consenso de ideias, ou seja, a maioria disse-nos que havia na escola: **“o mapas de Portugal continental, o mapa mundo e o mapa das colónias existentes na altura”** (E1); **“a caixa métrica, livros, o globo”** (E4). Destacamos E3 que disse **“Mais do que os meios materiais, o sucesso escolar das crianças e jovens passa por corpos docentes estáveis e pela motivação dos professores. Por projetos de escola que unam os professores e valorizem a participação dos alunos e auxiliares, na sua concretização”**. É de notar que a relação pedagógica era afetiva, mas exigente. Alguns professores demonstravam um sentimento de entreajuda para com os alunos, em especial os mais necessitados: **“Cheguei a dar almoços a alguns alunos porque percebia que eles não tinham muito que comer em casa”** (E1); para além de partilharmos atividades **“vinha às vezes brincar com eles cá fora e ajudava dentro da sala os trabalhos manuais”** (E4).

O ensino visto desde a aposentação (depois de 1974)

Categoria	Subcategoria	Descritores/ Evidências
<p>Visão do ensino Desde a Aposentação</p>	<p>Futuro do ensino (evolução)</p>	<p>“...(...) vejo isto cada vez pior! Isto tem que levar uma reviravolta grande no ensino, não sei em quê nem como, não digo voltar ao passado, mas que o passado também fez falta, isso fez! Já que não seja para refletir” (E7).</p> <p>“Agora é um bocadinho complicado o modo de ensinar. Se não se efetuarem medidas, o caos que já há no ensino vai tornar-se pior. Não sei o que vai ser, olhe acho que vai ser um desastre” (E3).</p> <p>“Acho que estão a desvalorizar o trabalho dos professores, estão a sobrecarregá-los com coisas que não devem, estão a preencher o horário com atividades que não deviam de ser.” (E1).</p>
	<p>Investimento na carreira (Identidade e profissionalismo)</p>	<p>“Valeu a pena sim, senti-me feliz porque os meus pais quiseram que eu tivesse um meio de vida, que eu pudesse trabalhar porque muitos colegas meus que não estudaram tiveram dificuldades na vida e trabalhar com crianças é sempre benéfico.” (E5).</p> <p>“Sim no fim de tudo sai satisfeita porque dei sempre o meu melhor. Sai de coração e vida cheia.” (E4)</p>
	<p>Orientações para seguir a carreira de ensino</p>	<p>“Aconselhava, apesar de saber que isso agora está muito mau.” (E6).</p> <p>“Se tiver vocação para isso, acho que sim!” (E7).</p> <p>“Sim eu aconselho, (...)” (E3).</p> <p>“Ai eu sim, se tiver gosto, claro que sim!” (E2)</p>

As entrevistadas têm uma perspetiva pessimista sobre o ensino no país, algumas não sabem muito bem como o ensino vai ser. No entanto acham que deveriam ser tomadas medidas como forma de atenuar os problemas ao nível do ensino-aprendizagem **“Esta mais descuidado” (E6) “quando comecei era um ensino repetitivo que não trazia nada de novo, também constatei que nessa altura as professoras primárias eram as melhores das melhores que saíam da aldeia. Agora com a massificação do ensino não será assim” (E4).** As entrevistadas consideram que valeu a pena investir na carreira, apesar de muitas terem sido obrigadas a irem estudar para o magistério, mas acabaram e saíram de **“coração e vida cheia” (E1).** Aconselham a profissão, pois é uma profissão que tem que se ter muita vontade, gostar das crianças, gostar de ensinar e aprender com os alunos, porque se **“não há empatia não há relação entre professor aluno e vice-versa. E o aluno tem de confiar no professor” (E7)** e a **“relação pedagógica entre professor aluno e vice-versa é muito importante (E3).** Todas as entrevistadas têm imensas as recordações dos seus alunos, de algumas atividades (festas e teatro) e de todo o seu percurso profissional. Muitas dessas recordações Guardam dessas recordações e experiência docente artefactos e imagens (fotos), confirmando que **SER PROFESSORA** a marcaram pela positiva. Todas elas expressam que valeu a pena todos os anos dedicados ao ENSINO porque hoje têm saudades dos seus alunos.

O ensino visto desde a aposentação (depois de 1974)

O modelo de ensino seguia a linha do ensino anterior, contudo houve entre os entrevistados em professor que fugia dessa linha: "(...) só que eu fugia dessa orientação e nunca utilizei, por exemplo, o livro único da primeira classe, usava o Álbum Infantil ou seguia este método quando passei a usar o livro impresso na escola" (E2). Os momentos importantes na profissão foram marcados pelas inovações que o 25 de abril trouxe (ações de formação e conhecimento de novas metodologias de ensino): "Depois do 25 de Abril pude demarcar-me totalmente do método preconizado oficialmente" (E2). Podemos sintetizar os seguintes aspetos da análise das entrevistas antes de 1974 do ensino primário e complementar: **obrigatoriedade de aprovar exame de Estado para entrar no sistema de ensino e ter vaga, senão andavam de terra em terra**; **cumprimento do programa oficial e modelo de ensino repetitivo, sem coeducação e de manhã e de tarde**; **alunos usavam farda ou bata e tinham que ser 'cultos' (saber a tabuada, saber rios e serras, etc.)**; **atividades (extra)escolares só nos sábados ou às vezes quartas-feiras no âmbito da Mocidade Portuguesa (7 aos 14 anos)**; **símbolos na sala de aula**; **material didático rudimentar e o que havia era elaborado pelo professor**; **o aproveitamento/rendimento escolar era baixo (elevado abandono e insucesso escolar) daí a insistência em ensinar os alunos com mais tempo**; aplicavam castigos, muitos deles físicos (reguada ou palmatória); **havia visitas da inspeção, com vigilância à sua conduta profissional**; **adequada relação escola-família**. No Estado Novo havia exigência do professor, o programa único e o rigor do modelo de ensino/sistema era excessivo. Após 1974 a democratização do ensino, a consciencialização do papel do professor no desenvolvimento e formação no ensino primário modificou-se indo ao encontro dos interesses/motivação dos alunos, mais atividades (extra)escolares e mais participação da família na escola.

Reflexões das representações do passado

•Ao longo da investigação percebemos que os métodos tradicionais foram sendo substituídos por outros mais interativos, notando-se a necessidade de se adaptar à prática pedagógica, mais envolvente. Para que seja possível a construção de conhecimento é, na perspectiva dos entrevistados necessário que haja uma relação pedagógica com de afetividade e empatia num ambiente educativo afável e motivador, pois estes aspetos fazem a diferença. No Estado Novo, a **CULTURA MATERIAL DA EDUCAÇÃO** -arquitetura escolar, espaços -salas de aulas, métodos e material didático (escasso e elaborado pelas professoras) era mais ou menos o mesmo (continuidade), mas referem o **clima de respeito para com o professor, que exercia a profissão com o seu autoritarismo, debitava matéria fazendo com que os alunos tivessem um papel passivo e memorístico.**

•Conseguimos aprender e construir conhecimento pela memória individual e coletiva dos professores aposentados, na base das histórias de vida reais, histórias de pessoas que partilharam a sua experiência do desempenho da profissão de, vozes e experiências de um percurso profissional, de uma identidade de **SER PROFESSORA**, que nos permitiram aprender e perceber como o passado influencia o presente em todos os aspetos, principalmente no aspeto socio histórico da construção e representação da profissão docente.

•*Ensinar não é transferir conhecimentos para os alunos, mas criar-lhes possibilidades para a sua construção, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.*” Para os entrevistados ensinar é, cada vez menos, transferir conhecimento, é cada vez mais um processo ativo por parte dos alunos e o professor tem cada vez mais um papel de orientador e de criador de possibilidades para que eles, na sua individualidade, criatividade e atividade consigam gerar conhecimentos, tal como defendia a Escola Nova.

•Ao longo das entrevistas e das experiências referidas percebemos que quem ensina aprende ao ensinar, é com a prática e com o envolvimento que aprendemos muito mais, com a experiência e esta foi, de certo, uma experiência que nos ensinou bastante e ao aprendermos criámos conhecimento e ensinámos ao aprender.

Reflexões das representações do passado

• Estes professores **depois de 1974** assistiram a modificações, reformas e mudanças educativas e organizacionais, quer na escola, nas metodologias de ensino e nas atividades escolares. Ou seja, **a educação passou a ser o centro do processo democrático na época, mudando o cenário sociocultural do país**, pois o ensino ia ao encontro dos interesses dos alunos, com um alargamento da escolaridade obrigatória (9 anos), introduzindo-se a educação pré-escolar e a educação especial, a continuação da unificação do ensino, mudanças curriculares (programas e conteúdos) e métodos pedagógicos (ativos), assistindo à massificação da escola pública e à mudança do sistema de ensino com a **Lei de Bases de 1986**. Paralelamente as escolas passaram a ter uma gestão democrática, parcerias socioeducativas, maior envolvimento da comunidade, que originou uma política de descentralização, acompanhada de mais escolas primárias no país (extensão e melhoria da rede escolar).

Reflexões das representações do passado

- Os entrevistados ao **refletirem sobre o futuro da escola**, apresentaram diferentes perspectivas ou visões, pois apesar de **todos considerarem que a sua escolha profissional como professores valeu a pena e foi muito gratificante identificando-se com a profissão no contexto histórico onde a desenvolveram**. A maioria destaca o negativismo da educação nos dias de hoje, ou seja, “*Deficiente*” (E2), a não ser que haja uma “**reviravolta**” como o E 2 afirma: “**a não ser que haja a coragem de varrer, de uma vez por todas, métodos sintéticos e teóricos, reconhecer a escola que temos e procurar a escola que queremos**”. Todos os professores guardam inúmeras lembranças: “**Tenho recordações lindas, que davam um belo livro**” (E3), nomeando até que escolheriam novamente a mesma profissão. No entanto a E4- afirma que não aconselha neste momento “**seguir os mesmos passos (...) pela falta de respeito que há entre pais e professores**” (E4). É de salientar a oportunidade que tiveram para relembrar a experiência profissional e vivências, de tal modo que retemos uma citação da E3: “*Com o exemplo vivo e fecundo que tive na família com a moldura natural e humana da terra onde me fiz gente... difícil seria ter trilhado outro caminho. Foi professora por vocação. Amei a escola e trabalhei com seriedade profissional. Dei-me ao ensino e aos meus alunos*”.

Reflexões das representações do passado

• Os professores entrevistados consideraram na construção das suas identidades docentes imagens e representações da escola onde se educaram e formaram, destacando a aula como espaço de vida com os dilemas dos conteúdos e das metodologias de ensino e de aprendizagem, o modelo de relação pedagógica que desenvolveram, a organização institucional que seguiram e a forma de desempenho profissional perante as mudanças, com visões herdadas e emergentes após 1974, as continuidades e ruturas de ensinar e ser professor com formas próprias dessas tarefas docentes. Ou seja, a **reconstrução das suas histórias de vida deambulou entre o projetado pela época (tempo socio-histórico), o vivido, o emergente e o produzido pela sua profissão (identidade profissional)** (Woods & Jeffrey, 2002). Tivemos a necessidade de **focalizar a narratividade na conformação das identidades docentes e em abordar a complexidade das diversas visões que se (re)descobriram e se (re)interpretaram**. Foi com este paradoxo que realizámos o estudo convertendo-se na bússola de procura de referenciais (teóricos e de significado), já que a compreensão dos processos de conformação das identidades docentes se efetuaram desde a **reconstrução das histórias de vida desses entrevistados**, que fazem parte de uma trama pessoal, social, política, cultural e histórica que emerge e que havia que ser reconstruída. Foi nesse sentido que estas histórias são como '**doppelganger**', no dizer de Bruner (2003, p. 46), o **duplo fantasmagórico de uma pessoa que atua em dois mundos: o da paisagem de ação no mundo (da profissão); e o da paisagem da consciência, onde se representam pensamentos, sentimentos e segredos dos protagonistas da história**.

Bibliografia de Referência

- Biesta, G., Field, John., Hodkinson, P., Macleod, F., & Goodson, I. (2011). *Improving learning through the Life course: Learning Lives*. Routledge.
- Bolívar, A. (2014). Las historias de vida del profesorado. Voces y contextos. *RMIE – Revista Mexicana de Investigación Educativa*, vol. 14 (62), set./out., 711-734.
- Bolívar, A., Domingo, J., & Fernández Cruz, M. (2001). *La investigación biográfico-narrativa en educación*. La Muralla.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1999). *Investigação qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Bruner, J. (2003). *La fábrica de historias*. Fondo de Cultura Económica.
- Carvalho, Rómulo de (1987). *História do Ensino em Portugal*. Desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano. Fundação Calouste Gulbenkian
- Cole, Ardra L. & Knowles, Gary J. (2001). *Lives in context: The art of life history research*. AltaMira Press.
- Denzin, Norman (1989). *Interpretative Biography*. Sage.
- Ferrarotti, Franco (2007). Las historias de vida como método. *Convergencia (UAEM-México)*, vol. 14 (44), 15-40.
- Goodson, Ivor F. (1995). Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In A. S. Nóvoa (Org.), *Vidas de professores*, 2ª ed. (pp. 63-78). Porto Editora.
- Goodson, Ivor F. (Ed.) (2004). *Historias de vida del profesorado*. Octaedro/EUB
- Goodson, Ivor F. (2012). *Developing narrative theory: life history and personal representation*. Routledge.
- Goodson, I. F., Biesta, G., Tedder, M., & Adair, N. (2010). *Narrative learning*. Routledge
- Goodson, I. & Lindblad, S. (Eds.) (2011). *Professional knowledge and educational restructuring in Europe*. Sense Publishers
- Goodson, Ivor; Loveless, A. & Stephens, D. (Eds.) (2012). *Explorations in narrative research*. Sense Publishers.
- Halbwachs, Maurice (2004). *Los marcos sociales de la memoria (Postfacia de Gérard Namer)*. Anthropos.

Bibliografia de Referência

- Huberman, M. (1993). *The lives of teachers*. Teacher College Press.
- Imbernón, F. (Coord.) (2005). *Vivencias de maestros y maestras*. Graó.
- Linde, Charlotte (1993). *Life Stories. The creation of coherence*. Oxford University Press.
- Martins, E.C. (2014). As narrações dos professores na memória educativa portuguesa durante o Estado Novo e depois de 1974 (Histórias de vida de professores aposentados). In F. Comas Rubi, S.G. Gómez, X. Montilla Salas, & B. Sureda García (Eds.), *Imatges de L'Escola, Imatge de L'Educació* (pp. 113-126). Universitat de les Illes Balears/Editora Títol.
- Nóvoa, A. S. (2003). Textos, imágenes y recuerdos. Escritura de nuevas historias de la educación. In T.S. Popkewitz; D.F. Barry & M.A. Pereira (Eds.), *Ensayos críticos sobre conocimiento y escolarización* (pp. 61-84). Editora Pomares.
- Nóvoa, A. S. (2005). *Evidentemente. Histórias da educação*. Edições ASA.
- Pujadas, J.J. (1992). *El uso de las historias de vida en Ciencias Sociales*. CIS.
- Reis, P., & Climent, Núria (2012). *Narrativas de profesores: reflexiones en torno al desarrollo personal y profesional*. Publ. Universidad Internacional de Andalucía.
- Ricoeur, Paul (1987). *Tiempo y narración*. Ediciones Cristiandad.
- Santamarina Vaccari, C. (1998). La metodología de las fuentes orales: Las historias de vida. In: C. López Sánchez, *Fuentes orales y documentales. Los pactos intra e inter-géneros. Nuevas identidades políticas y sociales en la construcción de la autonomía de las mujeres* (p. 113-124). Publicaciones Universidad de Alicante
- Serret-Segura, A., Martí-Puig M., & Corbatón-Martínez, R. (2016). Las historias de vida en la formación de maestros de educación infantil. *Revista Iberoamericana de Educación*, vol. 71, 217-228 - OEI/CAEU
- Sikes, P. (2012). Truths, truths and treating people properly: Ethical considerations for researchers who use narrative and auto/biographical approaches. In: I. Goodson; A Loveless & D. Stephens, *Explorations in narrative research* (p. 123-140). Sense Publishers Rotterdam
- Vidigal, Luís (1996). *Os Testemunhos Orais na Escola: História Oral e Projetos Pedagógicos*. Edições ASA.
- Woods, Peter & Jeffrey, Bob (2002). The reconstruction of primary teacher's identities. *British Journal of Sociology of Education*, 23 (1), 89-106.

MEMÓRIAS RESGATADAS,
IDENTIDADES
(RE)CONSTRUÍDAS

ANEXOS:

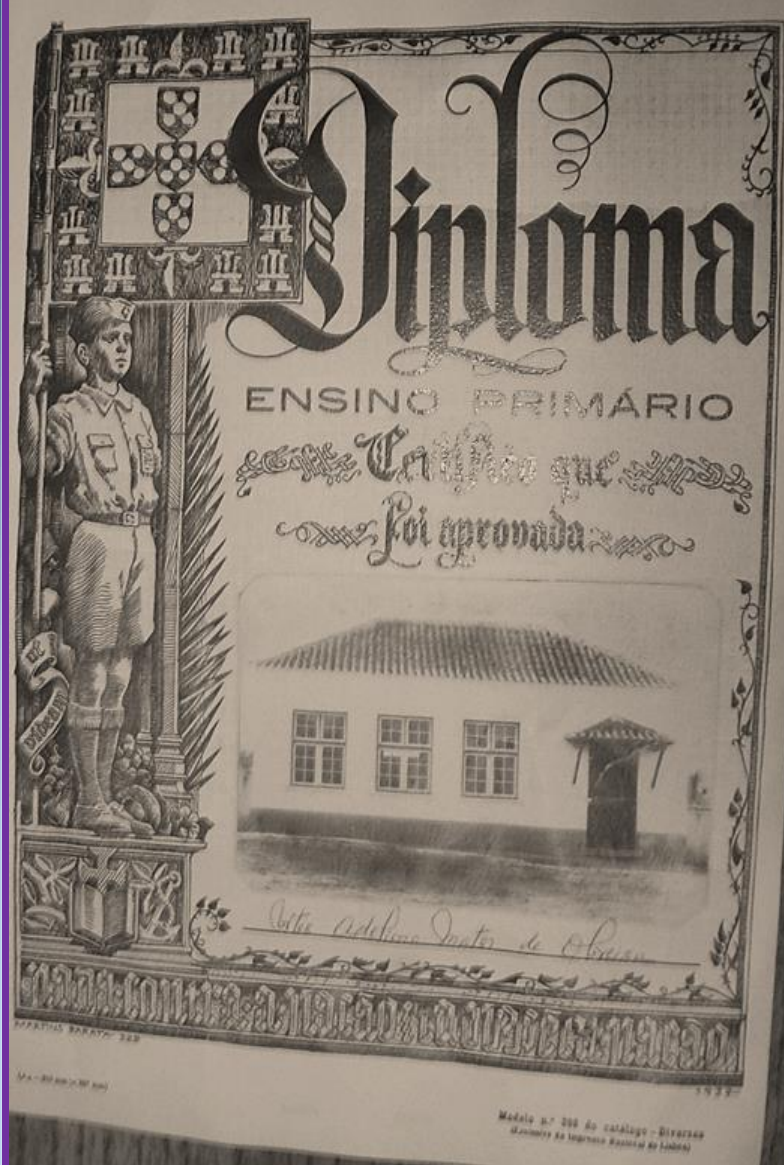
- Material didático recolhido

Cultura Material da Educação



- Artefactos
- Imagens

Documentos...



Material didático

Aritmética

1- 6 senhoras yão venderam a uma se-
nhora 4,5 dl de azeite, a outra 1,5 l e a
uma terceira 85 cl. Quantos litros de azei-
te venderam o senhor yão.

2- Um onibus saiu de casa às 8h 15m
e chegou à escola às 8h 45m. Que tem-
po demorou?

3- Quantas botas de 2,5 m cada uma
se podem fazer com 45 m de pano.

Questões

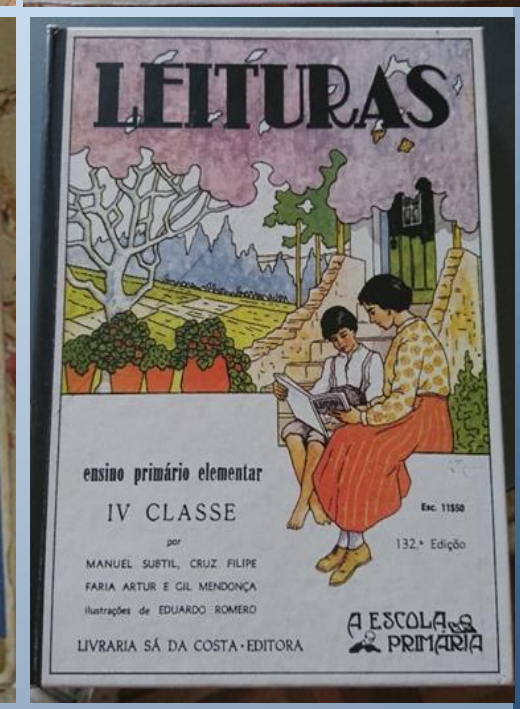
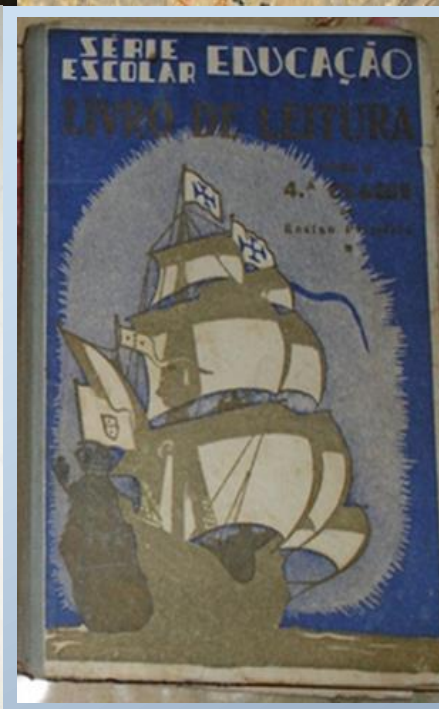
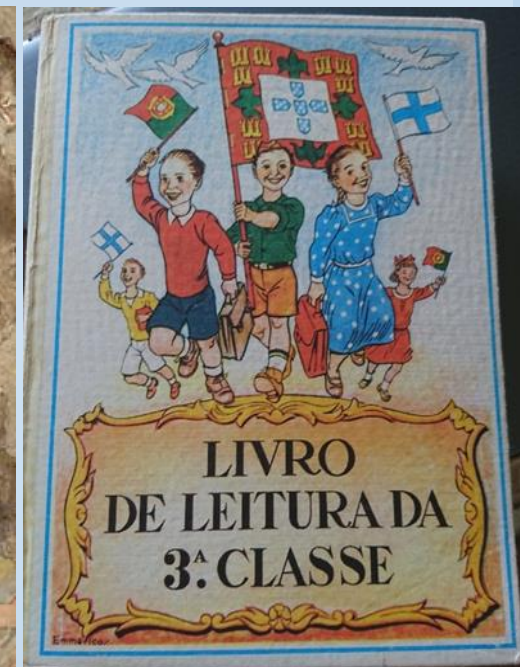
1- Escreve em numeração romana o
ano em que nasceste:

2- Quantas são as submúltiplos do quilo.

3- Como se chama o sólido que se
parece com uma caixa de fósforos?

Repressões plásticas

Um quadro colectivo sobre os olhos



Material didático na escola primária



Material didático na escola primária

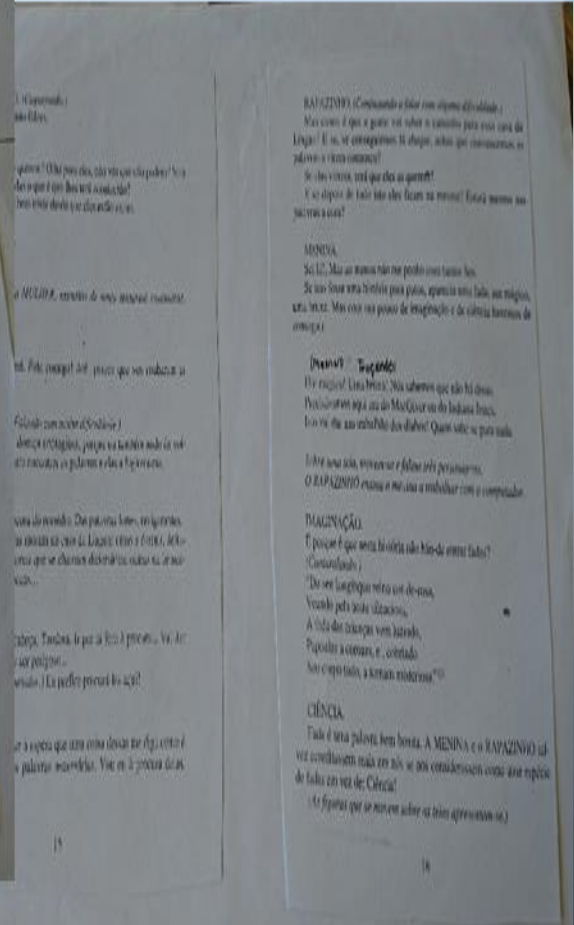
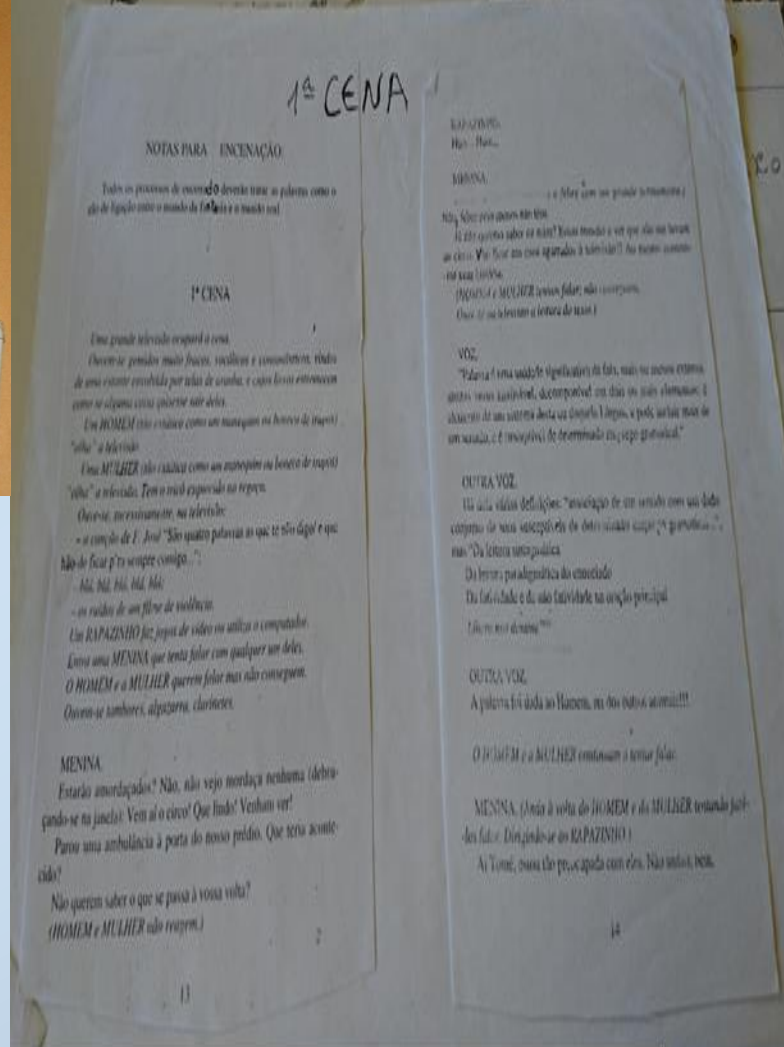
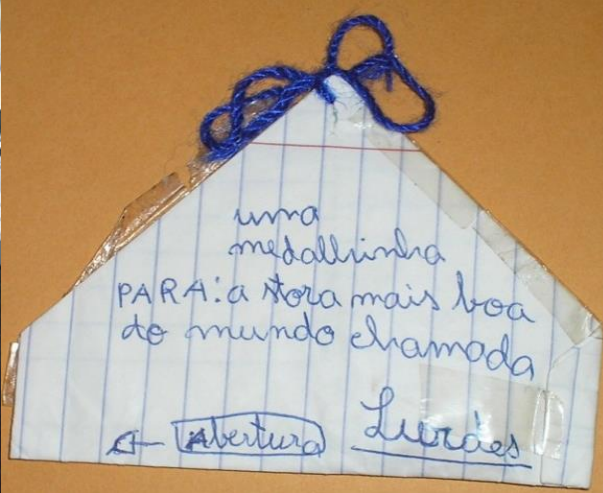


Material didático na escola primária

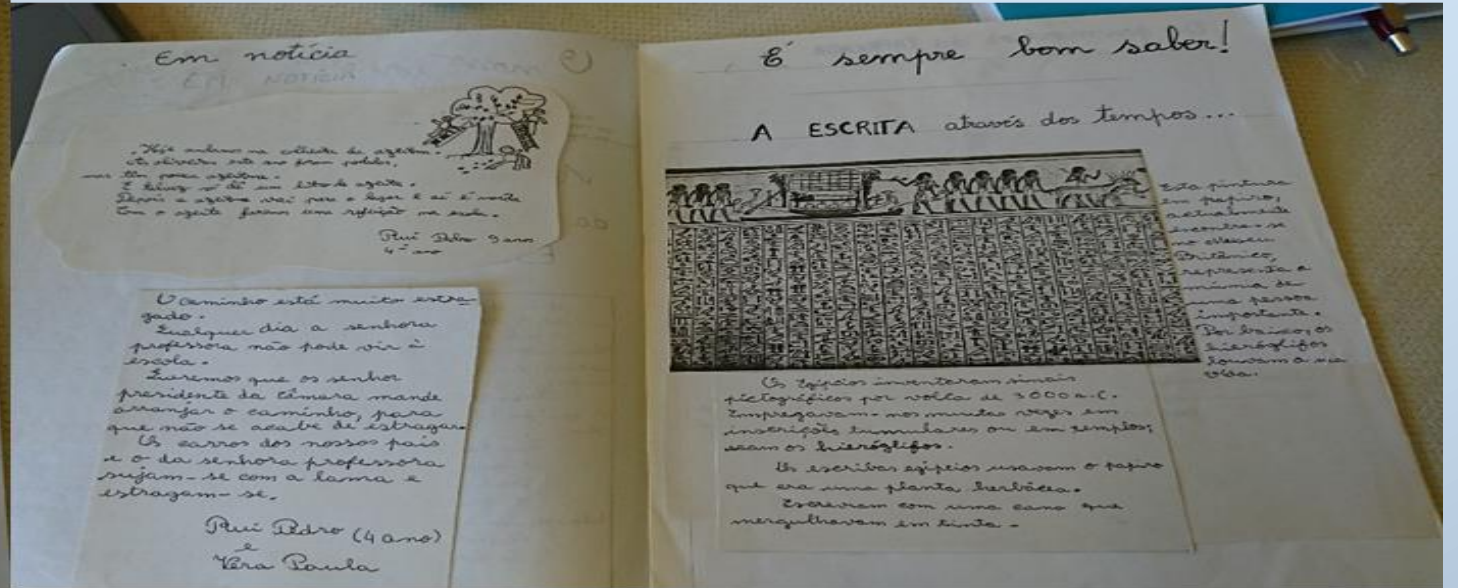
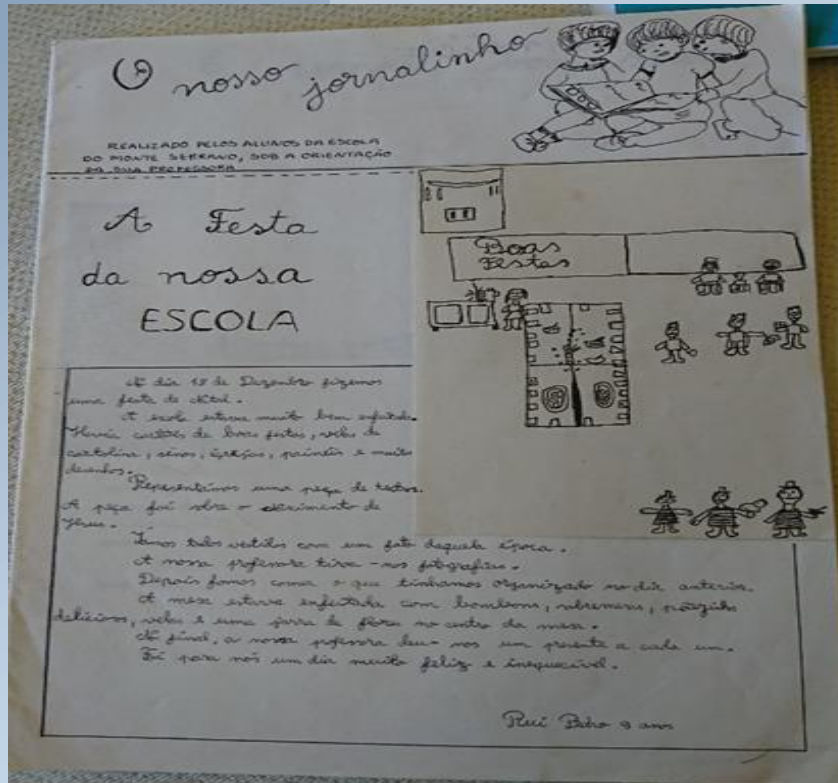


Material didático na escola primária

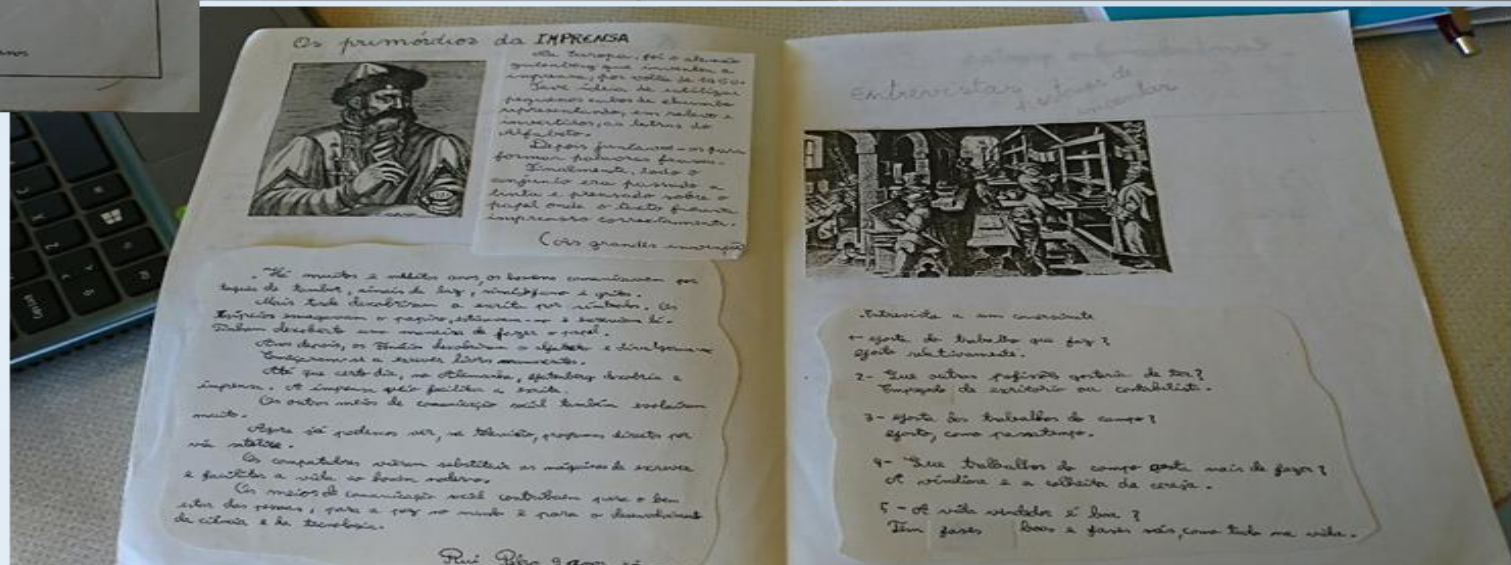
Figuras: Atividades dos alunos oferecidas à professora, Caderno escolar e cenas de um texto para representação de um teatro trabalhado pela professora Lucinda (E3) com os seus alunos de primária antes de 1974.



Material didático na escola primária



- Jornal escolar criado pelos alunos e pela professora Lucinda (E3) utilizando a técnica de C. Freinet cujo método permitia a cooperação entre alunos e professora e restante comunidade escolar.



Artefactos de recordações - imagens

Áreas	Interesse	Objectivos	Apresentamento
Mio físico	Interesse	1. Cálculo de apurados diretos	Alguns objectivos
		2. Cálculo de apurados retrogrados	
		3. Cálculo de apurados directos e retrogrados	
Português	Interesse	1. Comunicação e receber mensagens	Alguns objectivos
		2. Formas de comunicação	
		3. Distinguir frases e expressões	
Matemática	Interesse	1. Distinguir em alguns casos a unidade de medida	Alguns objectivos
		2. Noção de potências literais	
		3. Exercícios de potências	
Áreas de expressão	Interesse	1. Saber em conformidade e obter	Alguns objectivos
		2. Saber o momento da comunicação	
		3. Saber da vida actual e beneficiar	

Áreas	Interesse	Objectivos	Apresentamento
Mio físico	Interesse	1. Cálculo de apurados diretos	Alguns objectivos
		2. Cálculo de apurados retrogrados	
		3. Cálculo de apurados directos e retrogrados	
Português	Interesse	1. Comunicação e receber mensagens	Alguns objectivos
		2. Formas de comunicação	
		3. Distinguir frases e expressões	
Matemática	Interesse	1. Distinguir em alguns casos a unidade de medida	Alguns objectivos
		2. Noção de potências literais	
		3. Exercícios de potências	
Áreas de expressão	Interesse	1. Saber em conformidade e obter	Alguns objectivos
		2. Saber o momento da comunicação	
		3. Saber da vida actual e beneficiar	

- Modelo de Registo de Avaliação Individual dos Alunos, antes do 25 de Abril de 1974

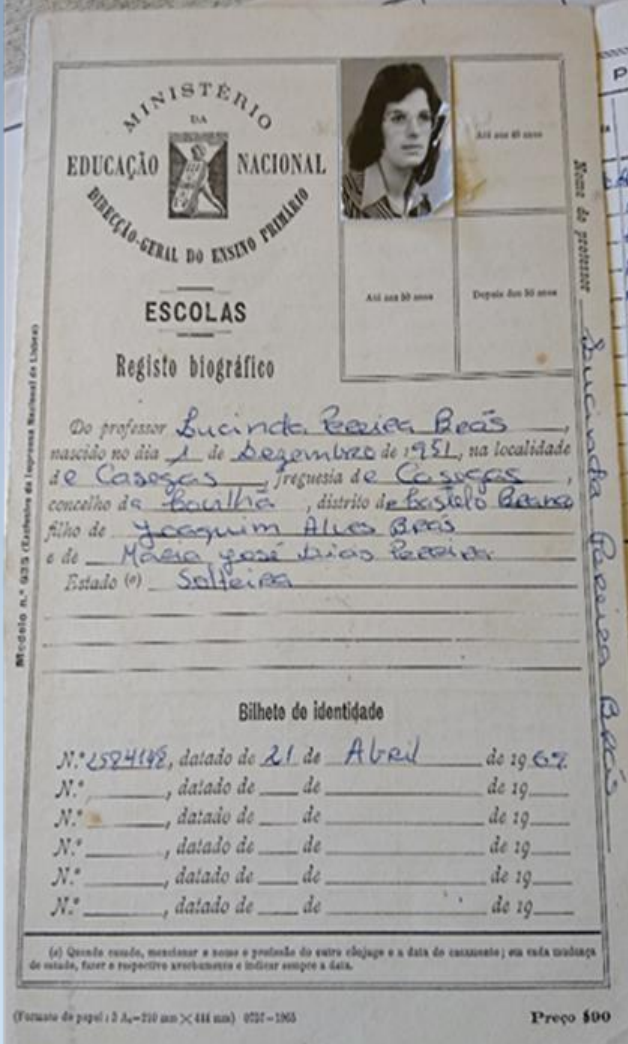
Artefactos de recordações - imagens



Figura 1: Recordações professora Maria B. (E4) com fotos de alunas (ano de 1972) no recreio onde se pode observar a utilização de bata branca.

Figura 2: Recordações professora Maria B. (E4) com imagens de alunas em vários locais incluindo espaços escolares: sala de aula e numa aula de educação física no exterior da escola no ano letivo 1972/1973.

Artefactos de recordações - imagens



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO PRIMÁRIO

ESCOLAS
Registo biográfico

Do professor Lucinda Pereira Brás, nascido no dia 1 de dezembro de 1931, na localidade de Casagosa, freguesia de Casagosa, concelho de Bacalho, distrito de Bastelo Branco, filho de Joaquim Alves Brás e de Maria José Maria Pereira, Estado (*) Solteira.

Bilhete de identidade

N.º 252448, datado de 21 de Abril de 1967

N.º _____, datado de _____ de _____ de 19____

N.º _____, datado de _____ de _____ de 19____

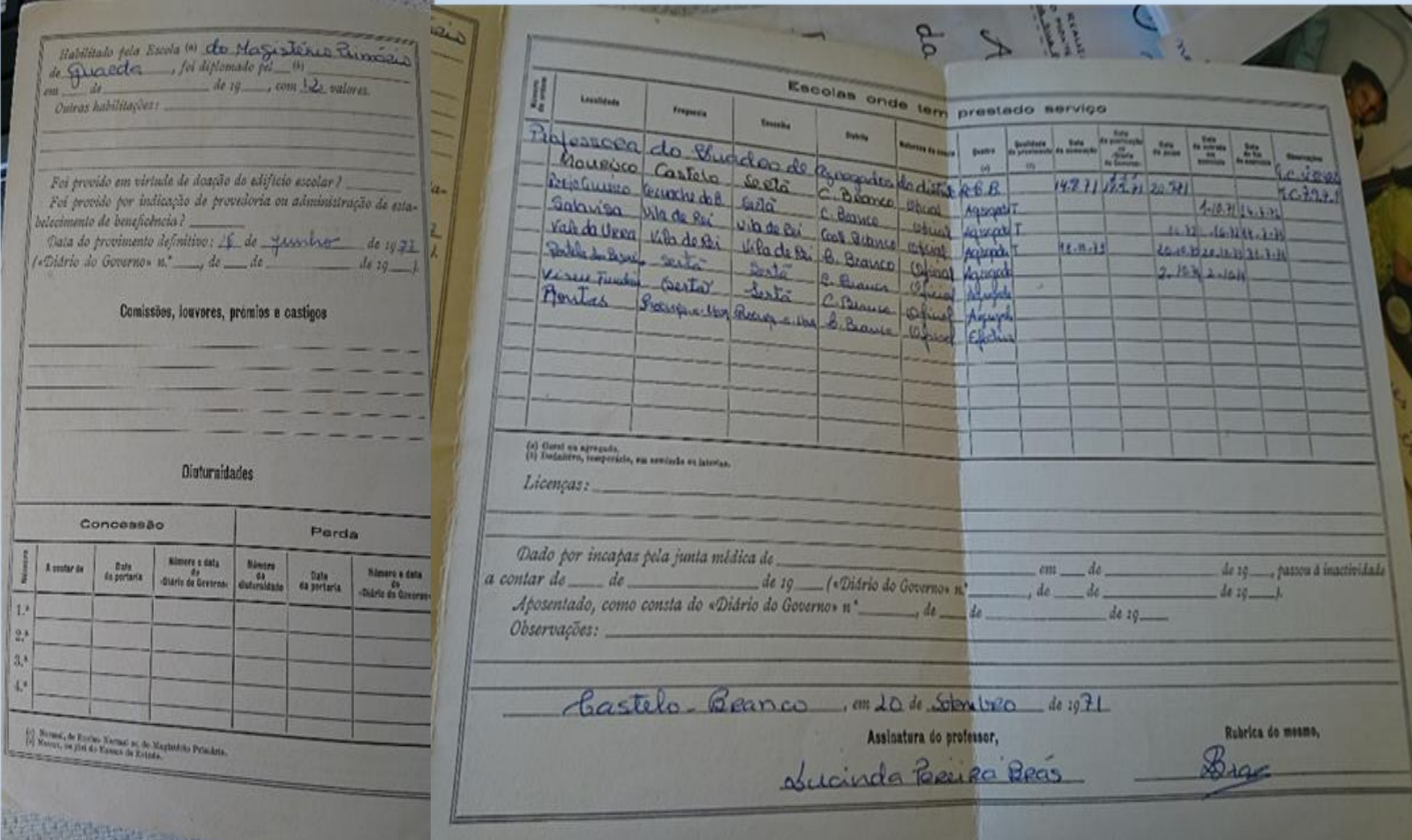
N.º _____, datado de _____ de _____ de 19____

N.º _____, datado de _____ de _____ de 19____

N.º _____, datado de _____ de _____ de 19____

(*) Quando casado, mencionar o nome e profissão do outro cônjuge e a data do casamento; em toda mudança de estado, fazer o respectivo acrescentamento e indicar sempre a data.

Preço \$00



Habilitado pela Escola (6) do Magistério Primário de Guadalupe, foi diplomado por (6) em _____ de 19____, com 22 valores.

Outras habilitações: _____

Foi provido em virtude da doação do edifício escolar? _____
Foi provido por indicação de providoria ou administração de estabelecimento de beneficência? _____
Data do provimento definitivo: 1 de junho de 1971
(*Diário do Governo» n.º _____, de _____ de 19____)

Comissões, louvores, prémios e castigos

Distorridades

Concessão			Perda			
Número	A contar de	Data da portaria	Número e data do «Diário do Governo»	Número da distorridade	Data da portaria	Número e data do «Diário do Governo»
1.ª						
2.ª						
3.ª						
4.ª						

(*) Diário do Governo.
(1) Indefinido, temporário, em comissão ou interino.

Licenças: _____

Dado por incapaz pela junta médica de _____ a contar de _____ de _____ de 19____ (*«Diário do Governo» n.º _____, de _____ de 19____), passou à inactividade de _____ de 19____.

Aposentado, como consta do «Diário do Governo» n.º _____, de _____ de 19____.

Observações: _____

Bastelo Branco, em 20 de setembro de 1971

Assinatura do professor, Lucinda Pereira Brás

Rubrica do mesmo, Brás

Figura 4: Registo biográfico da professora Lucinda (E3) que nos disponibilizou e permitiu utilizar. Este registo biográfico indicava os anos de serviço e correspondentes escolas, onde foi formada como professora e qual o valor final. Havia também um espaço para indicar louvores, prémios ou castigos.

Artefactos de recordações - imagens

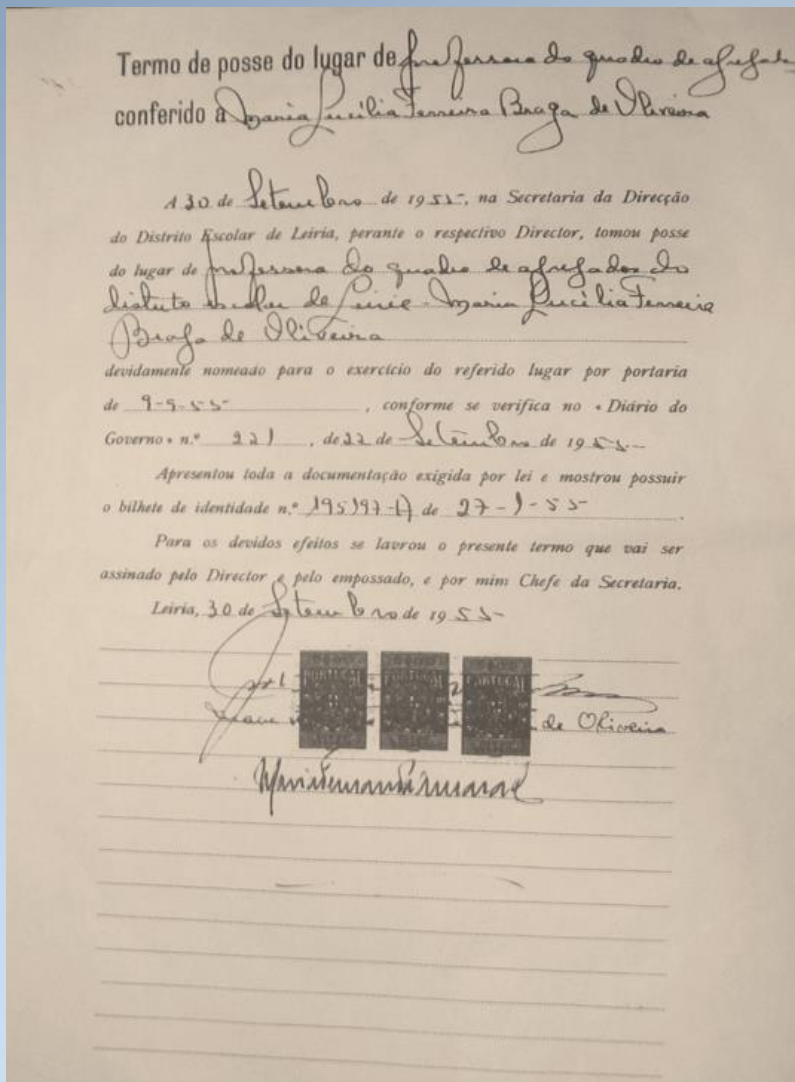


Figura 5: Termo de posse do lugar de Escola da professora M^a Lucília que nos disponibilizou e permitiu utilizar. Trabalho de campo (recolha) da equipa de estudantes do Curso de Licenciatura de Educação Básica da ESECB com a professora Luísa revendo recordações e imagens do seu período de professora.

Ficha de Identificação dos Depoentes

1. Identificação do Depoente

1.1 Nome – Maria Fernandes

1.2 Sexo (M ou F) – F

1.3 Data de Nascimento – 8/7/46; Idade – 66

Local – C. B.; Concelho – C. B.

Distrito – C. B.

1.4 Habilitações Escolares (escolarização, graus, escolas, anos de frequência, etc.)

7º ano liceu (antigo)

Magistério Primária de C. B.

1.5 Morada – C. B. Branco

1.6 Antecedentes familiares

1.6.1 Pai: Habilitações Literárias: —

Profissão: Proprietário

1.6.2 Mãe: Habilitações Literárias: —

Profissão: Doméstica

1.6.3 Irmãos: Número total: 6; Nº de masculinos: 5

Nº de femininos: 1

1.7 – Situação familiar

1.7.1 – Estado civil (solteiro, casado, viúvo, divorciado): —

1.7.2 – Número de filhos: 2

1.8 – Vivências escolares

1.8.1 Estudos primários na escola: Passos da Atalaia

Freguesia/Concelho: Fundão

2. Recolha de Dados: Ficha de Registo Áudio nº 1



Código: Fotografia; **Data:** 02/07/2012

Assunto: A escola dos Quinchosos em Abrantes;

Título: A escola remodelada;

Fotógrafo: Nuno Moura Neves;

Pertença: Nuno Moura Neves;

Descrição Física/formato (cm): Fotografia tirada com máquina fotográfica.

Em espólio/série Foto/Série Postais/Série Estampa: Fotografia

Editor: Nuno Moura Neves

Produtores: Nuno Moura Neves

Contributo do investigador: Mostrar a fachada da Escola dos Quinchosos;

Repositório (arquivo/projeto): _____

Descrição do conteúdo:

A fotografia anexada trata-se da nova fachada da Escola dos Quinchosos, em Abrantes, que foi remodelada devido à sua idade e aos estragos que já tinha, o que fez com que os alunos dessa escola tivessem de ir ter aulas para o Quartel Militar de Abrantes. Nesta escola, antes de ser remodelada e terem melhorado as fachadas, andou Inês Santos. Ao falar com Inês Santos e pedindo-lhe que recordasse o seu tempo de Primária, ela contou que se lembrava que as salas eram espaçosas e em tons beges. Na sua sala de aula existiam carteiras de madeira com tamos de abrir, onde os alunos podiam guardar os seus pertences. Além disto, no fundo da sala havia um grande quadro preto e a mesa do professor ficava do lado direito do quadro. À entrada da sala, haviam vários armários onde se guardavam os materiais para as aulas e alguns materiais pertencentes aos alunos. Contou também que à entrada de cada sala de aula havia uma fila de cabides onde colocavam os casacos.

Direitos de Propriedade: Nuno Moura Neves

Ver também em sites:

<http://www.panoramio.com/photo/74744773>

Data: 28/12/2015